

AUTORIA NEGRA FEMININA E REPRESENTAÇÕES VERBO-VISUAIS DE SI NA POESIA DE CELESTE BASTOS: RUPTURAS NA FORMAÇÃO DO LEITOR

Renailda Ferreira Cazumbá¹

Resumo: O cenário literário baiano tem sido protagonizado por um número expressivo de escritoras que refutam as barreiras impostas à circulação e à visibilidade de seus textos e imagens. A escrita poética de Celeste Bastos publicada na coletânea *Profundanças: antologia literária e fotográfica* (2014) é representativa dos exercícios de liberdade e dessilenciamentos. Cotejamos a escrevivência e a representação de si nos poemas de Celeste Bastos, refletindo sobre o diálogo entre poemas e imagens fotográficas publicados nos *e-books*. A leitura baliza-se nos tensionamentos feitos ao sistema literário em defesa da autoria negra feminina feitos por Miriam Alves, Ana Rita Santiago e Conceição Evaristo, fazendo jus à interface entre a literatura e a fotografia, especificamente a abordagem “fotoliterária” para Juliana Estanislau de Ataíde Mantovani (2019). Tais discussões envolvem debater sobre as relações de poder/saber que forjam no cenário literário interdições, exercícios de liberdade e dessilenciamentos com Audre Lorde (2019) e Michel Foucault (1995; 2004). O artigo visa impactar as abordagens teóricas sobre a formação de leitores literários.

Palavras-chave: Celeste Bastos; Autoria negra feminina baiana; Poesia-Fotografia; Leitor literário.

1 Introdução: o texto-imagem dissonante das escritoras negras baianas

No cenário literário baiano, a invisibilidade ainda é condição de muitas escritoras negras, que vivenciam muitas barreiras impostas à publicação e à circulação das obras. A maioria delas continua ignorada e excluída dos espaços de poder onde se publicam e se leem os textos literários, principalmente, se considerarmos a hegemonia imposta pelo mercado editorial concentrado nos estados do Sul e Sudeste do Brasil, que pouco fomenta a circulação das obras dessas autoras, mesmo as que possuem mais de uma publicação, como Livia Natália, Jovina Souza, Rita Santana,

¹ Doutora em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (2016). Mestra em Literatura e Diversidade Cultural pela UEFS (2009). Professora Adjunta do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. E-mail: renaildacazumba@gmail.com

Fátima Trinchão, Mel Adún, Lílian Almeida, Aline França (para citarmos algumas). Diante da situação de silenciamento em torno da produção literária de muitas poetisas negras, uma questão se torna urgente: como transpor o bloqueio da produção literária atravessada por barreiras que impedem a divulgação e a circulação das obras e, ainda, como fomentar a formação de públicos leitores para essas obras?

É diante desta conjuntura que destacamos a produção poética e visual de Celeste Bastos na coletânea virtual *Profundanças: antologia literária e fotográfica* (2014) no sentido de visibilizar escritoras negras baianas, ampliar as abordagens teóricas e propor a aproximação do leitor literário com esse texto de autoria negra. Celeste Bastos tornou-se escritora a despeito das tentativas de bloqueio a sua escrita: mesmo sob interdições, a autora cultivou o desejo de aprender a ler e a escrever. Durante muitos anos escreveu poemas e foi reconhecida escritora enquanto era vendedora de acarajé nas ruas de Brumado (BA), cidade do sudoeste baiano, no território de identidade do alto sertão. Assim, o *corpus* escolhido são os poemas “Casa perdida”, “Pra você, felicidade” e “Parede sem porta” e as fotografias do ensaio fotográfico publicados na antologia *Profundanças*, por serem representativos do exercício de constituição de si da autora.

A leitura dos poemas baliza-se no conceito de escrevivência cunhado pela escritora Conceição Evaristo (2005ab) e, nesse caminho, nos aproximamos das imagens literárias e fotográficas impregnadas das experiências vividas/ficcionalizadas pela autora que se intitula “poeta da vida” (BASTOS, 2020). Lemos os sentidos instituídos na aproximação entre textos poéticos e imagens fotográficas, construídos nas tênues fronteiras entre as artes, levando-se em conta as suas “particularidades técnicas e semióticas” conforme Mantovani (2019). Ancoramos, ainda, nas contribuições teóricas sobre a autoria negra feminina com Miriam Alves (2010) e Ana Rita Santiago (2012) e Lívia Natália (2011). Aproximamo-nos das ideias da poeta e militante negra Audre Lorde (2019) por esta considerar importante escrever como formas de recompor as experiências da vida e forma de romper os silêncios impostos às mulheres, sobretudo, as negras. A escrita da mulher negra, para Audre Lorde, significa uma “destilação reveladora da experiência”, tem o sentido político de recompor de nosso apagamento e não apenas jogo de elaboração da linguagem.

De tal modo, consideramos, nesta análise, que a literatura participa e é afetada pelas relações de poder/saber constituídas e agenciadas no cenário literário que agem na constituição de subjetividades e processos de exclusão, avaliando, selecionando e excluindo expressões literárias e gerando desconhecimento sobre as obras e autores/as. Porém, há um movimento protagonizado por mulheres negras, indígenas e LGBTQI+, o qual tem fomentado exercícios de liberdade através da escrita da literatura na Bahia atualmente e as escritoras têm rompido os silêncios impostos às suas vozes. O exercício de poder atua como um modo de “ação sobre as ações dos outros” e pressupõe também práticas de resistência e exercícios de liberdade, segundo Michel Foucault (1995; 2004).

Nesse compasso, provocamos reflexões sobre a formação do leitor literário e, nesse caso, propomos que os poemas de Celeste Bastos podem representar um caminho profícuo para constituir educação e letramento literários efetivos, ao trazerem experiências que se aproximem das vidas de leitoras e leitores jovens e de suas expectativas. De tal modo, robustecemos a necessidade de leitura dos textos dessa autora, seguindo a linha de pensamento de Regina Dalcastagnè, de que “precisamos de escritoras e escritores negros, porque são eles que trazem para dentro de nossa literatura uma outra perspectiva, outras experiências de vida, outra dicção” (DALCASTAGNÉ, 2012, p. 68), e esse aspecto pode ser a via de adesão e sedução de leitores.

2 A visibilidade da palavra-imagem de Celeste Bastos em *Profundações*

Celeste Bastos escreveu poemas e guardou papéis escritos durante anos por não ter reconhecimento do valor de seus textos. Após participar de *Profundações: antologia literária e fotográfica* (2014), a autora investiu-se de autonomia e publicou seu primeiro livro autoral *Poesias de vida* (2020) pela Editora Caminhos Iluminados. Esta obra autoral reflete o fortalecimento da trajetória de autora que, através de um ato de resistência, encorajou-se a publicar um livro de poemas. Mesmo antes de publicar, a poesia foi o caminho agenciado pela autora para romper o silêncio imposto à sua voz, conforme se expressa no poema de abertura do livro “autoral citado” cujo título já encena a relação, afinidade, paixão/amor e mostra como o exercício da palavra poética alterou sua vida e quebrou seus silêncios:

Eu sempre pensei que nasci debaixo de uma árvore,
no colo da mais bela negra que amei.

Meu mar era uma lama macia, onde eu me banhei.
A cor da minha pele era como bronzear a terra molhada

Sorria e observava calada.
Gritava, sem soletrar as letras
A minha paixão pela palavra começava a nascer.

Comecei a observar as letras da vida, a palavra.
E eu gritava com todos os meus silêncios.

Sem entender, me apaixonei pela literatura
e pela filosofia da vida.
Não foi me dado todo o tempo de estudar.

Mas mesmo assim, eu escrevia no papel rasgado.
Versos que, na caixinha eu guardei em segredo.
Estava tudo que amo, a poesia. [...]

(BASTOS, 2020, p. 11- 12)

O poema acima é um texto que reflete a escrevivência de Celeste Bastos que se concentra na ficcionalização de fatos do cotidiano, de alegrias e tristezas e da importância da escrita literária em sua vida. Desde a adolescência Celeste Bastos cultivou o desejo de criar e a paixão pela palavra poética, mas assim como a maioria das mulheres negras, o trabalho doméstico fez parte da história da autora e, Bastos trabalhou como babá e doméstica, “com o intuito de estudar e ter moradia e alimentação”, segundo consta na biografia da autora no livro *Poesias de Vida* (2020). Seu movimento no texto, na maioria das vezes, é o de refletir e criar imagens poéticas dos fatos da vida cotidiana, conjeturando sobre si e seu lugar no mundo: “Eu sempre pensei que nasci debaixo de uma árvore, / no colo da mais bela negra que amei. / Meu mar era uma lama macia, onde eu me banhei / A cor da minha pele era como bronzear a terra molhada. Comecei a observar as letras da vida, a palavra”. Este ato de escrever e guardar poemas, principalmente seu desejo e estudar eram reprimidos e rejeitados patrões; certa vez foi castigada de forma brutal pela patroa que “jogou seus textos no lixo” (BASTOS, 2020) como punição por recusar-se a faltar aula. Nos versos: “Não foi me dado todo o tempo de estudar. / E mesmo assim, eu escrevia no papel rasgado” há uma voz que denuncia. O poema acima reflete esse período em que a autora experimentou o bloqueio ao mundo da escrita e da literatura e sofreu violência por parte dos patrões, mas sobretudo, a sua resistência em tornar-se escritora, resguardando seus poemas: “Versos que, na caixinha eu guardei em segredo. / Estava tudo que amo, a poesia”.

A autora baiana escreveu e guardou papéis até surpreender a poeta e performer Daniela Galdino, organizadora de *Profundanças*, que conheceu Celeste Bastos em Brumado, cidade na qual Galdino atua como professora universitária. A partir desse encontro fértil, rico e simbólico para o cenário da literatura baiana, pois foi o reconhecimento de uma voz silenciada, Bastos publicou poemas e imagens na primeira edição da coletânea citada e, junto a outras escritoras, muitas delas também inéditas, participou de rodas de conversas promovidas pelo projeto em escolas e universidades, bem como em apresentações promovidas no *site* da coletânea, realizadas no formato *online* devido ao bloqueio físico imposto pelo distanciamento social da pandemia a partir de 2020. Tal antologia literária, disponibilizada em formato digital desde a sua primeira edição, disponível para *download* gratuito, possui caráter dinâmico, pois intercala os textos e as imagens das autoras, o que possibilitou a interação e uma recepção ativa de leitores de diversas partes do Brasil e fora do país também que acessaram a coletânea

através de uma plataforma interativa e de livre acesso. Segundo Elisiane Santos de Matos (2019, p. 104):

[...] a plataforma escolhida para seu acesso coaduna com a forma como *Profundações 2* se estrutura esteticamente: de forma dinâmica. Tanto os textos literários, quanto as fotografias têm seus espaços respeitados, ao passo que a intercalação de textos e imagens das poetas e prosadoras quebram qualquer possibilidade de monotonia.

Antes de se inserir na primeira publicação autoral na coletânea *Profundações*, Celeste Bastos trabalhava como vendedora de acarajé em Brumado e, embora alimentasse o sonho de que seus poemas fossem lidos por outras pessoas, a poeta imaginava que seria reconhecida e denominada de escritora. Na biografia que consta na antologia referida, a organizadora descreve Celeste Bastos: “Mulher simples, de garra, baiana vendedora de acarajé, estudou apenas até sexta série e acabou interrompendo seus estudos para trabalhar e ajudar a família” (GALDINO, 2014, p. 131). É significativo perceber o processo de migração que caracteriza a trajetória de vida de Celeste Bastos até obter o conhecimento de seus textos poéticos: nasceu em 1960 na comunidade Rocinha, no Rio de Janeiro, onde viveu até os três anos de idade. Mudou-se para Brasília nesse período, morando por sete anos em um orfanato. Após sair da instituição, trabalhou como babá e empregada doméstica, para manter os estudos, moradia e alimentação. Viveu em Brasília até os 18 anos, quando se mudou para Brumado (BA), lugar em que morou durante muito tempo sustentou a família com o ofício de baiana de acarajé. Atualmente vive em Montes Claros (MG) e trabalha como cuidadora de idosos. Portanto, *Profundações* representa um divisor de águas na vida de Celeste Bastos, pois teve o significado especial de conferi a Celeste o estatuto de escritora e ler textos publicamente, já que antes de publicar na antologia, Celeste Bastos guardava papéis e guardava seus escritos, sonhando em dialogar com outras vozes literárias e imaginando leitores possíveis para seus versos. A coletânea foi idealizada e efetivada através de um trabalho colaborativo, já que as autoras, fotógrafas² e a organizadora discutiram e decidiram sobre as diversas fases da produção, resultando em uma criação coletiva, onde não há prioridade entre textos e imagens, pois ambos colaboram para a construção de sentidos:

A obra é dividida entre as fotografias e os textos literários, sem empreenderem uma disputa de significado; ao contrário, funcionam como uma complementariedade negociada. Pode-se dizer que, se a coletânea *Profundações 2* fosse dividida ao meio, criando duas obras, uma literária e outra fotográfica, elas funcionariam de forma independente (MATOS, 2019, p. 107).

2 Terminologia utilizada por Daniela Galdino na edição de 2019 de *Profundações*. Segundo Elisiane Matos (2019, p. 17), “A utilização da terminologia fotógrafas intenciona romper com o binarismo masculino/feminino e contemplar as artistas transexuais, que participam da obra”.

Na concepção do primeiro volume da antologia do qual Celeste Bastos integrou com publicação de poemas inéditos, participaram 13 mulheres que publicaram poesias, crônicas e contos e ensaios fotográficos. No que toca à composição dos textos que integram as antologias, Daniela Galdino explica que o critério de escolha das autoras se baseia em desorganizar a forma como a literatura é compreendida socialmente. A organizadora afirma que a antologia “Profundações 2”, por exemplo, é uma “ação literária e fotográfica colaborativa já implode as formas como a literatura tem se tornado uma propriedade de poucos” (2017, p.7). Quanto às fotografias, Elisiane Santos de Matos, na dissertação “Profundações 2: a contrapelo do binarismo impositivo” (2019) salienta que os ensaios fotográficos que entregam o *e-book* representaram uma experiência de ineditismo, da qual muitas mulheres da coletânea nunca haviam pensado em si envolver, tanto para as escritoras quanto para fotógrafas, com entusiasmo em flagrar representações imagéticas das autoras no ensaio fotográfico, visando à quebra de estereótipos relacionados à gênero, raça e sexualidade, visto que “as escolhas realizadas pelas escritoras e fotógrafas sobre cores, enquadramentos e poses as colocam em outros lugares de representação” (MATOS, 2019, p. 107), deliberadamente mantidos com o intuito de acessar subjetividades diversas. A visibilidade dos escritos e imagens de mulheres negras, como Celeste Bastos, foi expressiva nas três edições do Profundações, pois houve a circulação das vozes das autoras em várias partes do país e destacamos as autoras Miriam Alves (de São Paulo), Rita Santana, Aldil Araújo Lima, Lílian Almeida, Jovina Souza, Valquíria Lima, Vânia Melo, Tatiana Dias Gomes, NegrAnória d’Oxum – pseudônimo de Maria Anória de Jesus Oliveira, Tereza Sá, Calila das Mercês, Natali Yamas e Yasmin Moraes, da Bahia; Francisca Araújo e Odailta Alves, de Pernambuco, que tiveram imagens e textos publicados em ambiente virtual de livre acesso. Ainda de acordo com Daniela Galdino (2020, s/p), *Profundações* acessa e enfatiza processos autorais diversos, mobilizando o diálogo e a afluência de dicções diversas, visando vencer os binarismos de gênero e a hegemonia branca na cena literária:

Tudo em Profundações é diálogo, encontro de dicções e experiências autorais diferentes, somos afluência. Em cinco anos de projeto, foram mapeadas e publicadas 51 autoras nas tentativas de rompimento com a noção hegemônica de mulheres brancas, urbanas/metropolitanas, heterossexuais escrevendo. Sim, precisamos enfatizar outras identidades e seus processos autorais. Num país genocida, racista, feminicida, misógino e lgbtóbico é um ato político de grande impacto veicular imagens e narrativas de mulheres negras, trans, lésbicas, sertanejas, não negras que re-existem a partir das artes (GALDINO, 2019, s/p.).

Durante todo o percurso de criação da coletânea e do circuito de divulgação, a ação colaborativa entre a organizadora, as escritoras, fotógrafas e equipe técnica foi decisiva, haja vista a concepção do projeto de ser sem fins lucrativos e disponível

para *download* gratuito, ambicionando de forma deliberada compor o mercado editorial literário alternativo. O circuito literário, como o projeto *Profundações* já tem sido denominado, inseriu a participação de “jovens fotograf@s sensíveis às formas de resistência feminina” que de forma “livre” (GALDINO, 2014, p. 7) conceberam as visualidades condizentes com as trajetórias pessoais e espaços de atuação das autoras, segundo Elisiane Matos (2019, p. 44): “intercalando palavra escrita à imagem fotográfica, a coletânea faz com que o leitor entre em contato com discursos destas autoras, ao mesmo tempo em que conhecem elementos físicos – enquanto componentes de suas identidades”. Desde a primeira edição de *Profundações*, cinquenta e cinco fotógrafes inseriram as suas lentes na concepção visual das autoras, escolhidas livremente pelas autoras, para compor as representações fotográficas tem como princípio narrar a trajetórias plurais e diversas das escritoras. Ainda segundo Matos (2019, p. 44 - 45):

As escolhas estéticas, dos planos de composição dos quadros, dos focos e dos desfoques, foram feitas levando em consideração as vontades dessas mulheres, de modo que as imagens dissessem, representassem e evidenciassem o que elas são e dizem com seus escritos – permitindo duas possibilidades de auto narração[...]. Desse modo, mulheres de ancestralidade africana estiveram à margem da literatura, enquanto escritoras e, quando presentes nos enredos literários, eram sempre descritas com características vinculadas à natureza, sensualizadas e ligadas às atividades maternas, domésticas e não intelectivas.

A circulação de *Profundações* promoveu, desde a primeira edição, o diálogo das escritoras com um público leitor diversificado através de rodas de conversas, participação em eventos e atividades em universidades e escolas em vários estados do país. Denominada pela organizadora de “guerrilha literária”, *Profundações* lança esperança e gestos de enfretamento ao medo e à morte circundante aos corpos femininos: “E nessa trajetória de uma guerrilha literária, cada antologia parte da pergunta: quais palavras e imagens podem nos representar em tempos violentos e odiosos?” (GALDINO, 2019, s/p). Atualmente, devido à pandemia por covid-19, a ação efetiva-se pelo agenciamento de *lives* nas páginas virtuais do projeto, inserindo-se em eventos universitários e escolares e em outros espaços de divulgação e possibilidade de diálogo com leitores e leitoras, nas quais a “gira” e “guerrilha literária” de *Profundações* continua, de forma deliberada, provocando rupturas na forma de conceber a literatura e a autoria ao publicar autoras historicamente invisibilizadas no campo literário.

3 “Salva-me poesia dos meus silêncios”: escrevivências e representações de si nos poemas e fotografias de Celeste Bastos

Na obra *Irmã Outsider* (2019), a escritora afroamericana Audre Lorde, proclama a necessidade da mulher de dizer, verbalizar e compartilhar seus pensamentos e sentimentos mesmo que se corra o risco de ser “magoada e incompreendida”. Nos questiona se, diante das opressões diárias que nos calam, estamos fazendo nosso trabalho de transformar o silêncio em ação. A autora defende a nossa necessidade vital de falar, de agir através da palavra. Verbalizada, a palavra torna-se uma ação necessária que recompensa e evita o adoecimento. Transformar o silêncio em linguagem e ação, entretanto, envolve riscos, pois “é um ato de revelação individual, algo que está sempre carregado de perigo” (LORDE, 2019, p. 51).

Assim, a principal ação de Celeste Bastos foi investir na escrita literária, mesmo que tenha sido muitas vezes barrada e punida por ter praticado esse ato de coragem. Escrever foi a forma que encontrou para romper com o silêncio que a sufocava, conforme expressa neste trecho do poema que trouxemos na abertura deste artigo, em que declara seu amor pela poesia e a toma para si como uma necessidade vital: “Escrevi minhas críticas com coragem, / Sangrei o papel com as minhas angústias. / Com meus amores, gritei. / Hoje eu sou pensamento de versos. / Meu coração bate tão forte que preciso gritar. / Eu amo a poesia. / Salva-me poesia dos meus silêncios, / pois eu quero gritar e sorrir”. Em sua página pessoal em rede sociais, Celeste Bastos descreve como acontecia o seu processo de escrita, a essa escrevivência singular e cotidiana. Narra como a poesia fazia parte de seu dia-a-dia, mesmo que não fosse autorizada a praticá-la, e se sentiu ao ver o reconhecimento do “valor” de sua poesia no primeiro encontro que teve com a organizadora do circuito literário *Profundações*:

Nas horas vagas do trabalho, eu escrevi poesia. Quando vendia acarajé, enquanto esperava os fregueses eu escrevi poesias. Um dia conheci uma pessoa muito especial chamada Daniela Galdino, foi a primeira pessoa que viu o meu caderno de poesias. E me chamou para participar de um projeto chamado *Profundações*.³

No mesmo percurso da defesa de Audre Lorde, ao teorizar a autoria negra feminina, Miriam Alves destaca o papel político da escrita na vida das mulheres negras: “Ser mulher e escritora no Brasil é romper com o silêncio, a “não-fala” e transpor os espaços que definem procederes e funções preestabelecidas” (ALVES, 2011, p. 183). Para todas mulheres, de acordo com Miriam Alves, transpor os limites do “lar” foi um ato de ousadia, pois a sociedade patriarcal e machista sempre considerou que a mulher vivesse confinada ao lar, para que o corpo da mulher,

³ Relato publicado na página pessoal de rede social da autora em 4 de agosto de 2020.

objeto de posse masculina, estivesse disponível para a “mediação da fala do desejo” e exercida pelo homem. Na tradição da literatura brasileira branca e eurocêntrica, garante Miriam Alves, o ser mulher foi retratado como submisso, e quando era representada com alguma altivez, a mulher tinha eram retratadas como prostitutas, ou seja, como aquelas que não pertenciam ao lar e não eram respeitáveis. Enquanto escritoras, também sofriam rebaixamentos, pois a literatura escrita por mulheres foi chamada de “intimista”, de acordo com Miriam Alves, “talvez por abrir frestas, janelas e portas, escancarando para o exterior os sons da “não fala”, profanando o confinamento do silêncio” (p. 123). O ato de escrever se configura, portanto, um rompimento do silêncio e uma fenda aberta nos espaços de confinamento aos quais foram confinados os corpos das mulheres. Voltando a Audre Lorde, mulher lésbica, ativista defensora dos direitos das mulheres, que viveu na pele os silenciamentos impostos às vozes das mulheres negras subalternizadas, defende que, no caso das mulheres negras, precisamos romper o silêncio para que se conquistemos a liberdade. Para a autora citada, para nós mulheres, “a poesia não é um luxo. É uma necessidade vital da nossa existência” (2019, p. 45). Ao falar do papel da literatura na vida das mulheres que nascemos com papéis definidos pela sociedade patriarcal e racista como a que vivemos, Audre Lorde defende que a necessidade da literatura em nossa vida, e a poesia, de forma específica, cria para nós mulheres: “Ela cria o tipo de luz sob a qual baseamos nossas esperanças e nossos sonhos de sobrevivência e mudança, primeiro como linguagem, depois como ideia, e então como ação mais tangível” (p.45). A poesia é, então, uma forma de agirmos e intervirmos socialmente, criando espaços de respiro, luta e transformação, no qual, segundo Lorde, e com a qual “nos valem para nomear o que ainda não tem nome, e que só então pode ser pensado” (p.45), com a qual podemos “pavimentar” os horizontes longínquos com esperanças e medos.

Nossos poemas, segundo proclama Audre Lorde, são “esculpidos nas rochas que são as nossas experiências diárias” (p. 45). Para a mulher, a poesia não tem relação apenas com o exercício de pensar, mas sim com o sentir. E o poema é resultado desse exercício de transposição de nossos sentimentos mais fundos para a linguagem escrita e partilharmos com as demais pessoas: “Podemos nos condicionar a respeitar nossos sentimentos e transpô-los em linguagem para sejam compartilhados” (p. 46). A poesia ajuda a tecer certo tipo de língua que ultrapassa os bloqueios impostos a nós mulheres, treinadas para sentir medo, em ações que nos diminuem e nos abrandam, de acordo com a escritora Audre Lorde, “nos vemos diminuídas ou amansadas por acusações pretensamente inofensivas de infantilidade, de falsa de universalidade, de inconstância, de sensualidade” (p.45) que não traduzem a nossa natureza transgressora e reativa, que deve ser acionada em direção à verdadeira mudança.

Tais mudanças são projetadas na própria vida de quem escreve, não é mero devaneio e quimera. Realiza mudanças qualitativas nas vidas das autoras, como podemos relacionar com o exercício de escrever de Celeste Bastos, que confrontou

uma vida subalternizada de empregada doméstica sem direito ao estudo e à escrita literária, criando para si um lugar de autora, realizando o sonho de “publicar seu livro com sua história de vida em forma de poesia” (BASTOS, 2020, s/p). Audre Lorde ressalta que a poesia ajuda a tecer uma linguagem que qualifica a nossa experiência. Nesta perspectiva a autora também defende que a poesia é vista como uma forma de libertação das mulheres, de pensarem sobre si e ressignificarem a sua existência por meio da escrita. Vendo por este viés, Celeste Bastos se libertou quando rompeu o silêncio e compôs poemas nos quais ficcionaliza o que via, das dores e alegrias, das pessoas, e, sobretudo, seus sentimentos e pensamentos. Para Audre Lorde, em relação à mulher negra a poesia tem afinidade com sentimentos, mas também com a ação no presente no sentido de constituir nossos sonhos de liberdade; é uma ação no presente, “demanda revolucionária” urgente e necessária para podermos pensar no futuro e torná-los possíveis e necessários para nossos filhos, afinal nossas crianças não podem sonhar com um futuro diferente a não ser que vivam e furem a barreira da morte no presente: “Os patriarcas brancos nos disseram: ‘Penso, logo existo’. A mãe Negra dentro de cada uma de nós – a poeta – sussurra em nossos sonhos: ‘Sinto, logo posso ser livre’. [...] ‘Se vocês querem que mudemos o mundo um dia, precisamos pelo menos viver o suficiente para crescer!’, grita a criança” (LORDE, 2019, p. 47).

Neste sentido, a poesia é a possibilidade de “transformação do silêncio em linguagem e em ação”, conforme Audre Lorde. Entretanto, como pensar a liberdade para a mulher negra hoje, numa sociedade sexista e racista? Vencer a invisibilidade que o racismo gera é um desafio que toda mulher negra deve enfrentar, sem o qual, não podemos viver verdadeiramente: “Neste país, onde diferenças raciais criam uma constante, ainda que velada, distorção de visões, as mulheres negras, por um lado, sempre foram altamente visíveis, assim como, por outro lado, foram invisibilizadas pela despersonalização do racismo” (LORDE, 2019, p. 51). A poesia vista por este viés, é uma forma de libertação das mulheres, de pensarem sobre si e ressignificarem a sua existência por meio da escrita.

Michel Foucault em “O sujeito e o poder” (1995) define o poder como um exercício, como “um modo de ação sobre as ações dos outros” que se exerce dentro das relações sociais e “que coloca em jogo relações entre indivíduos (ou entre grupos). [...] na medida em que alguns exercem um poder sobre o outro”. As relações de poder se inscrevem num campo de possibilidades esparsas, pressupõe luta e não concessão passiva ou renúncia da liberdade. O exercício do poder não pressupõe ação sobre ação, e não constitui em si uma relação de violência: “Uma relação de violência age sobre um corpo, sobre as coisas: ela força, ela dobra, ela submete, ela destrói; ela fecha todas as possibilidades; não tem, portanto, junto a si, outro pólo senão o da passividade; e se encontra uma resistência, a única escolha é tentar reduzi-la” (FOUCAULT, 1995, p. 243). Ao contrário da relação de poder, precisa se articular “entre dois elementos que lhe são indispensáveis por ser exatamente uma relação de poder” (p. 243). Perguntar “quem somos nós”

pressupõe a recusa das abstrações e essencialismos constituídos pelas ciências humanas que negaram a ideia de o sujeito é constituído pelas relações de poder que subjagam e rejeitam as individualidades. Foucault explica que na história do pensamento, dos conhecimentos, da filosofia, da literatura, parecem multiplicar as rupturas e buscar todas as perturbações da continuidade, enquanto a história propriamente dita, a história pura e simplesmente, parece apagar, em benefício das estruturas fixas, a irrupção dos acontecimentos. O filósofo sugere ainda que, para entender o que são relações de poder, é preciso uma investigação sobre as formas de resistência e as tentativas de separar estas relações, pois as relações de poder sempre implicam formas de resistência. A luta contra as formas de sujeição são lutas atuais, segundo Foucault, visto que as formas de denominação e exploração não desapareceram. As formas do poder pastoral e do Estado, por exemplo, têm se atualizado em diversas maneiras que balizam as relações de poder sobre sujeitos livres: “[...] neste jogo, a liberdade aparecerá como condição de existência do poder (ao mesmo tempo sua precondição, uma vez que é necessário que haja liberdade para que o poder se exerça [...])” (FOUCAULT, 1995, p. 244 -245). Desta forma, o exercício de poder enquanto modo de “ação sobre as ações dos outros” (p. 245) consiste em conduzir, ordenar condutas, evitando e a proliferação de subjetividades divergentes, visto que, enfatiza Foucault, “Para que se exerça uma relação de poder, é preciso que haja sempre, dos dois lados, pelo menos uma certa forma de liberdade” (FOUCAULT, 2004, p. 277).

Dessa forma, é preciso atitudes de desobediência, como a de Celeste Bastos ao continuar escrevendo e refletindo na poesia o processo de exclusão e opressão que vivia na casa dos patrões, configura uma forma de resistir e um caminho de constituir uma identidade de escritora. Nas poesias da autora, variadas vozes líricas encenam reflexões sobre a vida e as relações mediadas pelo pouco afeto, desejos e sonhos cultivados e nem sempre realizados. Alguns poemas fazem recorrência à casa como possível abrigo ao corpo frágil, onde janelas e portas estão abertas, aguardam a esperança de futuro melhor; figuram as lembranças de um lar que se perdeu em algum tempo passado e ainda os desvios no percurso da caminhada, como percebemos no poema “Casa perdida”:

Janelas que me mostraram os horizontes
Portas que abriram o meu futuro.

Casa que acolhera meu corpo débil,
Para os flagelos da vida.
Hoje, meus caminhos desviaram-se.
E em algum lugar estará uma casa perdida.

(BASTOS, 2020, p. 35)

As poesias de Celeste Bastos configuram-se uma escrita de escrevivência, pois dentre outros elementos, narram as experiências vividas e memórias “assim como escrevem as suas dores e alegrias mais íntimas” (EVARISTO, 2005a, p. 07). A escrevivência desta autora é crítica ao lugar reservado à mulher na sociedade e também reflexiva ao fazer poético como uma “contra voz” (ALVES, 2011) que incomoda, mas que também abraça o leitor ao compartilhar com ele, os sentimentos mais caros à existência, como a solidão, a tristeza, a perda, a alegria e o amor. Algumas dessas imagens do poema acima foram realçadas no ensaio fotográfico da autora em *Profundações*, intensificando os significados do texto e as marcas identitárias da autora. Abaixo, as fotos em preto e branco, realizadas de forma exclusiva para compor a antologia, Celeste Bastos performa uma representação de si que assume o lugar de leitora e escritora (sonhos cultivados desde a adolescência). As fotografias rasuram as imagens da mulher negra cristalizadas no imaginário racista da sociedade brasileira ligadas ao trabalho braçal e doméstico. A autora porta nas mãos um livro, símbolo sagrado do saber, dentro de uma casa em escombros:



Fonte: Ravena Revenster (*Profundações*, 2014, p. 42).

A imagem da casa pode remeter a um lugar de memória da autora, alude a um lar que possivelmente um dia fez parte de sua vida e, certamente, ou que no passado abrigou uma família. No presente, a casa destelhada acolhe o corpo da

escritora negra que transgride aos padrões sociais; as paredes com cicatrizes, os vãos abertos onde foram portas e janelas e os degraus da escada conduzem à imagem principal da autora no centro das duas cenas. Na primeira, a poeta olha para o leitor; na segunda fotografia, performa a posição de leitora, e com isso quebra estereótipos em relação ao corpo negro que lê, visto que, neste caso, a particularidade mimética da fotografia é a de encarnar uma realidade, haja vista que “[...] Contrariamente à pintura e ao desenho, a fotografia atesta a realidade em si mesma e a ‘corta’. A fotografia é sempre atestado e parte do real. [...] A fotografia nunca é, desse modo, redundante, pois ela acrescenta” (MANTOVANI, 2019, p. 81). Atua, conforme pesquisadora citada, como representação simbólica e complementar ao texto literário, e não tem o papel de fazer mera repetição deste. A fotografia compõe narrativas, o que a aproxima da literatura: “Os parentescos entre a fotografia e a literatura são inerentes a seus princípios: seja porque ambas são dispositivos miméticos, seja porque ambas se vinculam a um referente ou são potencialmente produtoras de uma narrativa” (p. 84). Não há hierarquias e binarismos na relação entre imagens fotográficas e o texto poético, que por sua vez, também produz imagens. Ao contrário do que apontam de que há fronteiras entre as duas artes, essa relação precisa ser pensada no sentido de “interferências e nos impactos exercidos entre essas duas artes, que transformam uma à outra por meio de uma dinâmica de trocas e de retornos, de mudanças e interpenetrações”, ainda de acordo com Mantovani (p. 87). A fotografia quando aliada à literatura, visa construir sentidos novos aos textos, pois “um novo material não adentra o texto literário sem causar substanciais transformações em sua constituição e em seus sentidos” (MANTOVANI, 2019, p. 89).

Voltando ao que defende Elisiane Matos (2019, p. 108) “pode-se dizer que as fotografias em *Profundações 2* são textos, que se propõem a comunicar e resistir às construções generalistas e estereotipadas, que aprisionam os corpos das mulheres em lugares de subjugação”. Este é um dos sentidos mais expressivos da escrevivência da Celeste Bastos, qual seja o de se instituir autora de literatura ao mesmo tempo em que se constrói uma consciência de si e da vida que deseja e inventa para si. Na escrevivência, poesia e vida andam juntas: escrevendo, vive; vivendo, escreve, (re)inventando-se como mulher-escritora-leitora, como se percebe nas narrativas construídas nas fotografias acima. Na escrevivência, o texto poético refaz a vida, a reelabora e a “recicla”, da forma como Evaristo (2005b, p. 54) assegura sobre Carolina Maria de Jesus: “Não se pode esquecer, jamais, o movimento executado pelas mãos catadoras de papel, as de Carolina Maria de Jesus que, audaciosamente reciclando a miséria de seu cotidiano, inventaram para si um desconcertante papel de escritora”. Carolina Maria de Jesus, e agora Celeste Bastos e outras mulheres negras de *Profundações*, são coautoras de si nesse processo, e a partir da escrita literária afirmaram um sentido ético para si próprias: aprenderam a ler e escrever a despeito das estratégias discriminatórias e excludentes, através dos diversos “letramentos de reexistências” (SOUZA, 2011), a partir dos

quais “reescrevem as histórias mal escritas” sobre nós mulheres negras do terceiro mundo (ANDALZÚA, 2000, p. 232) e transformaram-se em autoras e produtoras de literatura. Por este motivo, Daniela Galdino vê coincidência entre a trajetória de Celeste Bastos à caminhada da escritora Carolina Maria de Jesus, que durante 40 anos também acumulou escritos em casa porque não acredita na possibilidade de reconhecimento de seus textos; como Carolina que juntou papéis escritos, escreveu literatura a partir desse lugar lança o olhar crítico para a existência periférica e compõe um texto indignado, mas que também compôs uma literatura em que cabiam seus desejos e sonhos e muitas histórias que ultrapassavam a temática da questão social, parte dela publicada da coletânea *Meu sonho é escrever ..contos inéditos e outros escritos*, organizada por Raffaella Fernandez (2018).

De volta aos poemas, vemos que a escrevivência Celeste Bastos passado e presente se confluem, como no poema “Parede sem porta” que consta no e-book *Profundações*, que demonstra a reflexão do eu-lírico a barreiras impostas às mulheres:

Aprisionaram todos os meus sentidos
Aqueles que castram as minhas vontades
Já não sou a árvore que fecunda o fruto
Sou o joio do trigo que fecunda espinhos em pedras
Estou paralisada na consciência
Sou relato sem vitória
Compreensão indígena de uma fera
Construindo quatro paredes
Sem portas e janelas
Se não houve luz
Me afoguei na escuridão
A morte agoniza sem achar a minha alma
Não me conheci!
Por isso não soube viver.

(BASTOS, 2014, p. 39)

Nos versos, as imagens da casa que vemos nas fotografias são reencenadas e consagradas no poema: “Sem portas e janelas/ Se não houve luz / Me afoguei na escuridão”, entretanto, tais imagens reinscrevem outro lugar para a mulher que se expressa no poema: a de leitora e escritora. Os poemas da autora carregam a potência da autoria feminina negra que se constitui especialmente reflexiva, hesitante ao lugar subalternizado da mulher na sociedade e se compõe como ferramenta de luta ao silenciamento imposto às pessoas negras no Brasil.

Uma das marcas mais fortes dessa estética afrofeminina, conforme explica Livia Natália, “é o abrandamento das alegorias, figuras de imagem calcadas na comparação complexa, em favor das metáforas, símiles, catacreses, assonâncias,

aliterações e ironia. As imagens construídas se propõem a construir uma leitura possível do mundo, tornando-o condizente com o olhar diferenciado que sobre ele se lança” (SANTOS, 2011, p. 122). A mulher negra escreve carregando o texto de suas lutas e não reluta diante de uma linguagem que traduza as necessidades e urgências de mudanças nas representações do feminino, “prioridades éticas e políticas que constam na agenda do dia de muitas mulheres negras brasileiras”, segundo afirma a poeta e professora Lívia Natália. Para esta autora citada, as mensagens da literatura negra feminina, “engendram um sentimento de limite, de exaustão, de alcance do limite do tolerável e da inviabilidade da manutenção das relações entre os arquétipos femininos e masculinos” (p.122).

A autora que estudamos, segue as fendas de insubmissão abertas pela literatura de “Miriam Alves, Geni Guimarães, Lia Vieira, Esmeralda Ribeiro, Cristiane Sobral, Mel Adún” e seguidas por Lívia Natália, Rita Santana. Em seus escritos, a poeta Celeste Bastos tematiza a existência difícil da mulher negra, operária e solitária em suas dores, mas que sonha sem escrever e ser feliz, com isso quebra os silêncios e apagamentos do mundo-mulher-negra que trabalha desde a infância.

Celeste Bastos caminha, no percurso da literatura, ao lado das escritas femininas negras que, conforme afirma Conceição Evaristo (2005a, p. 07), “além de um sentido estético, buscam semantizar um outro movimento, aquele que abriga todas as lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se o lugar da vida”. Seus versos demonstram a paixão da autora pela poesia, adotando-a como um direito e uma forma de vida, pois atesta, assim como outras escritoras negras que “inventaram para si um desconcertante papel de escritora” (EVARISTO, 2005a, p. 07). No poema “Pra você, felicidade”, a voz lírica reclama o direito de ser feliz, espera e prepara a casa para chegada da felicidade, entretanto vê o tempo passar e desiste de esperar:

A minha porta está aberta
Todos os dias eu espero a felicidade
O vento entrou e balançou minha janela
Arrumei-me todos os dias
Para que a felicidade chegasse e me achasse bela
Mas o tempo embranqueceu meus cabelos
Desarrumou meu rosto, deixando-me rugas.
Precisei sentar, era longa a espera.
Tudo o que eu guardei não valia mais nada
Felicidade, quando entrar abre uma caixinha dourada.
Nela tem meu coração
Já não estarei a sua espera.

(BASTOS, 2014, p. 40)

Assim, a poeta e professora Livia Natália (2011, p. 122) defende que a mulher negra escreve carregando o texto de suas lutas e não reluta diante de uma linguagem que traduza as necessidades e urgências de mudanças nas representações do feminino, “prioridades éticas e políticas que constam na agenda do dia de muitas mulheres negras brasileiras”. Dentre essas lutas, as poetisas trazem seus textos de memórias ficcionalizadas, reencenadas e também alimentadas dos símbolos africanos e afro-brasileiros. Ana Rita Santiago (2012) nos orienta que esses elementos afrodiaspóricos configuram as marcas identitárias que singularizam texto poético e ficcional das autoras negras composto de histórias, memórias e vivências que são comuns às trajetórias da população baiana de maioria afrodescendente.

É possível perceber tais marcas de identidade nos poemas e fotografias de Celeste Bastos que traduzem esse processo de reconhecimento identitário da autora, como neste trecho do poema presente do livro *Poesias de vida* que citamos na abertura do artigo: “Eu sempre pensei que nasci debaixo de uma árvore, / no colo da mais bela negra que amei. / Meu mar era uma lama macia, onde eu me banhei. A cor da minha pele era como bronzear a terra molhada” (BASTOS, 2020, p. 12).

É assim que as imagens projetadas nos poemas e fotografias de Celeste Bastos escolhidos para compor na antologia *Profundanças* dialogam com as representações e símbolos das existências e práticas ancestrais da mulher negra. Nas fotografias coloridas que expomos abaixo, nos induz a pensar a projeção de fase nova da vida da autora, em que se volta às origens, se resinifica e reelabora a partir dessa simbologia de símbolos afro-brasileiros: na primeira fotografia, vê-se a escritora posicionada diante da porta de uma construção antiga; na sequência, está sentada ao lado de um altar feito de pedras; nas fotografias finais, diante de uma fonte, a imagem de Celeste Bastos é refletida no espelho d’ água e, por fim, anda livre entre baobás, com isso, reconcilia-se com a natureza e a ela condiciona sua reexistência. Ainda, revela que seguiu na caminhada em busca de conquistar seus sonhos, como em um de seus poemas já citados no artigo, a não ficou à espera da felicidade, mas seguiu em frente em busca de novos sentidos para a vida, como expressa nos versos: “Felicidade, quando entrar abre uma caixinha dourada. / Nela tem meu coração / Já não estarei a sua espera”:



Fonte: Ravena Revenster (*Profundanças*, 2014, p. 43).

Nas fotos acima, é possível ver ainda que a poeta veste as indumentárias das tradições e das religiões de matriz africana. Diante elementos como a água, o barro, o baobá e as pedras, reencena o poder da natureza e atualiza a força vida das representações afro-ameríndias e diaspóricas. Segundo Ana Rita Santiago, esses elementos afrodiaspóricos configuram-se “marcas de referencialidades afro-brasileiras” que traduzem as “vivências espirituais e culturais” que singularizam as temática do texto poético e ficcional das autoras e autores negras e negras, composto de histórias, memórias, “lutas, ancestralidades permeadas de sentimentos e de cumplicidade com novos jogos de construções identitárias” (SANTIAGO, 2012, p. 122) e que são comuns às trajetórias da população baiana de maioria afrodescendente.

Na coletânea *Profundações*, Celeste Bastos protagonizou as “narrativas visuais de autorrepresentações” (GALDINO, 2017) intencionalmente visando rasurar o cânone literário. Texto e imagem confluem para essa representação e reinterpretação de si, produzindo uma estética de escrevivência. O ensaio fotográfico que acompanha os textos literários no *e-book* não são meras ilustrações, atuam para valorizar positivamente a imagem das mulheres negras e rasurar as representações estereotipadas que inferiorizam e rebaixam a imagem das mulheres negras “retratadas como antimusas” (CARNEIRO, 2003, p. 51) diante do padrão estético brasileira centrado na mulher branca.

4 Considerações parciais: autoria negra feminina e rupturas na formação de leitores

Neste percurso, pode-se afirmar que as representações de si instituídas nas imagens do corpo-mulher-negra-que-escreve nos poemas e fotografias de Celeste Bastos presentes em *Profundações* seriam narrativas a serem valorizadas para a aproximação de leitores das escolas públicas baianas, na maioria, crianças e jovens afrodescendentes. A interação desses leitores jovens com o texto de autoria negra, poderia, sobretudo, abalar os mecanismos e dispositivos de exercício de poder e controle reforçados nos espaços de institucionalizados como escolas, bibliotecas e materiais didáticos e de leitura, predominam o incentivo à leitura do texto canônico e, em sua maioria, escritos por homens brancos cis héteros.

Esse cânone literário é homogeneizado e composto por autores, segundo Regina Dalcastagnè (2012, p. 14), “parecidos entre si, como pertencem a uma mesma classe social, quando não tem as mesmas profissões, vivem nas mesmas cidades, tem a mesma cor, o mesmo sexo [...]”. Para essa pesquisadora, o cânone traduz as formas de interdição imposta às escritoras e escritores das diferentes etnias e extratos sociais subalternizados do país, como as autoras negras, indígenas e nordestinas, por exemplo, que são invisíveis ao mercado editorial do sudeste

e sul do país. Ainda de acordo com Dalcastagnè, para romper com este ciclo de interdição seria preciso trazer para o contexto da literatura outras experiências de vida e dicções distintas que traduzam a diversidade da cor da pele, do gênero e da classe social que caracteriza a sociedade brasileira.

De tal modo, no caso da Bahia, seria preciso ampliar o repertório dos leitores e leitoras para conhecer o vasto repertório e a heterogeneidade das escrituras de autoras negras ainda inviabilizadas, como Celeste Bastos, Alessandra Sampaio, Jaquinha Nogueira, Yasmim Morais, Thaíse Santana, Júlia Suzarte, Líliam Almeida, Aidil Lima, Jovina Souza. Acessar novos leitores a partir dessa literatura seria o desafio, pois torna-se necessário mudar os critérios de escolha das obras e o reconhecimento das autorias vindas de extratos sociais periféricos. Diante da Lei 10.639/03, que institui a obrigatoriedade de abordar a História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos currículos escolares da Educação Básica, a literatura negra feminina representaria o respaldo e garantia de efetivação desta lei nos espaços escolares, pois as autoras negras abordam, em suas obras, as questões que tocam de forma direta a história, ancestralidade, o racismo e a condição da mulher negra na sociedade brasileira. Na formação dos programas e ementas dos cursos de licenciatura em Letras ainda há um déficit das leituras consideradas essenciais para a formação do professor, o que interfere diretamente na rede de ensino básico, já que a formação profissional repercute na forma como os professores escolhem as obras literárias e interferem na educação literária de jovens leitores.

A literatura das escritoras negras impõe resistência ao cenário literário atual e não é diferente para as escritoras que publicaram em *Profundanças*, da forma como defende Matos (2019, p. 44) de que a coletânea “coloca-se como um instrumento crítico e de resistência à construção de um cânone literário composto de obras autorizadas por uma crítica, que marginaliza o feminino e propõe o masculino como paradigma para a existência humana”.

Historicamente, nós mulheres negras resistimos e reexistimos através da escrita literária e, com isso, requeremos e exercitamos o direito à liberdade. No período colonial, desobedecemos às interdições ao nosso corpo e, diferente de mulheres brancas, ocupamos o espaço público para vender, barganhar, nos prostituir. Assim, a resistência das escritoras negras possui um sentido político de afirmação da sua humanidade negada e diminuída socialmente e, também, um sentido ético, porque encenam as lutas de nós mulheres negras diante das relações de poder e de subjugação da sociedade patriarcal e racista.

Neste sentido, a performance verbo-visual de Celeste Bastos e de outras autoras negras em *Profundanças* demonstra que a antologia caminha ao lado de outras proposições arrojadas de disseminação literária na Bahia atualmente, protagonizadas por ações de divulgação literária como o *Lendo Mulheres Negras*, projeto gestado em Salvador, Bahia, por Adrielle Regine e Evelyn Sacramento em 2014, cuja atuação principal incide em encontros de leitura e discussão da

produção literárias de mulheres negras, pesquisas e criação de conteúdo digital sobre as obras e as escritoras, atuando também como uma proposta alternativa de alcançar novos leitores para a literatura de autora negra feminina.

FEMALE BLACK AUTHORSHIP, VERBO-VISUAL REPRESENTATIONS IN THE POETRY OF CELESTE BASTOS: RUPTURES OF THE LITERARY READER

Abstract: *The Bahian literary scene has been starred by a set of texts, performances and authorships by black writers who write and publish independently, and who, however, face barriers to circulation and visibility. Celeste Bastos's poetic writing, published in the collection Profundações: literary and photographic anthology (2014), is representative of the authors' exercises of freedom and desilencing. We compare Celeste Bastos' writing and self-representation, reflecting on the dialogue between poems and photographic images published in the e-book. The reading is based on the tensions of black female authorship with Miriam Alves, Ana Rita Santiago and Conceição Evaristo, living up to the interface between literature and photography, specifically the approach to "photoliterary" for Juliana Estanislau de Ataíde Mantovani (2019). Such discussions involve debating the power/knowledge relations that forge interdictions, freedom exercises and desilencing in the literary scene with Audre Lorde (2019) and (FOUCAULT, 1995; 2004). The article aims to impact theoretical approaches on the formation of literary readers.*

Keywords: *Celeste Bastos; Bahian female black authorship; Poetry-Photography; Literary reader.*

Referências

ALVES, Miriam. A literatura negra feminina no Brasil - pensando a existência. *Revista ABPN: Associação Brasileira de Pesquisadores (as) Negros (as)*. V. 1, n. 3 – nov. 2010 – fev. 2011, p. 181-189.

BASTOS, Celeste. *Poesias de vida*. Montes Claros: Caminhos iluminados, 2020.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo. In: *Racismos Contemporâneos*. Rio de Janeiro, Ashoka Empreendedores Sociais / Takano Cidadania, 2003.

DALCASTAGNÈ, Regina. Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais. *Revue d'études ibériques et ibéro-américaines (Iberic@l - La littérature brésilienne contemporaine)*. N. 2 – Automne. Paris, França: 2012. p.13 -18. Disponível em: <https://hispanismo.cervantes.es/publicaciones/revue-detudes-iberiques-et-ibero-americaines-ibericl>. Acesso em 19 de maio de 2021.

EVARISTO, C. "Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face". In: OREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Orgs.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Ideia, 2005a.

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira. *Revista Palmares - Cultura Afro-brasileira*. Brasília: Fundação Palmares/Minc, Ano 1, nº. 1, 2005b. p. 52 -57.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves.

7ª edição. Rio de Janeiro: Forense, 2004.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens. 1992. p. 129- 160.

FOUCAULT, Michel. Apêndice: O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1995. p. 229 -239.

FOUCAULT, M. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: MOTTA, Manoel de Barros. (Org.). *Ditos e escritos V: Ética, sexualidade, política*. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 264-287.

GALDINO, Daniela (Org.). *Profundanças: antologia literária e fotográfica – 1*. Ipiaú: Voo Audiovisual, 2014.

GALDINO, Daniela (Org.). *Profundanças: antologia literária e fotográfica – 2*. Ipiaú: Voo Audiovisual, 2017.

GALDINO, Daniela. *Profundanças: Trajetória de uma guerrilha literária. Diversos afins: entre caminhos e palavras*. 132ª Leva - 04/2019 - Aperitivo da Palavra I. ISSN 2317- 6865. Disponível em: <https://diversosafins.com.br/diversos/aperitivo-da-palavra-i-25/>. Acesso em 10 de dezembro de 2020.

GLORIA, Anzaldúa. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista de Estudos Feministas*. Ensaios. Tradução Édna de Marco; Revisão Claudia de Lima Costa e Simone Pereira Schmidt. Centro de Filosofia e Ciências Humanas – UFSC, V. N1, Florianópolis: 2000. p. 229 -236.

JESUS, Carolina Maria de. *Meu sonho é escrever...contos inéditos e outros escritos*. Organização: Raffaella Fernandez. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.

LORDE, Audre. *Irmã outsider*. Tradução Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MANTOVANI, Juliana Estanislau de Ataíde. O instantâneo e o traço: Por uma poética fotoliterária em Nadja, de André Breton. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Literatura, do Departamento de Teoria Literária e Literaturas, do Instituto de Letras da Universidade de Brasília. Brasília, 2019.

MATOS, Elisiane Santos de. Profundações 2: a contrapelo do binarismo impositivo. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Santa Cruz. Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações. Ilhéus, BA: UESC, 2019. Disponível em: <http://www.biblioteca.uesc.br/biblioteca/bdtd/201710234D.pdf>. Acesso em 4 setembro de 2020.

SANTIAGO, Ana Rita. A literatura de escritoras negras: uma voz (des) silenciadora e emancipatória. *Interdisciplinar* Ano 5, v. 10, jan-jun de 2010 – ISSN 1980-8879 | p. 175-188.

SANTIAGO, Ana Rita. *Vozes literárias de escritoras negras*. Cruz das Almas-BA : UFRB, 2012.

SANTOS, Livia Maria Natália de Souza. Poéticas da diferença: a representação de si na lírica afro-feminina. Número temático: Literatura, cultura e memória negra. *A Cor das Letras*. UEFS, n. 12, 2011. p.105 - 124.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. *Letramento de reexistência* - poesia, grafite, música, dança: HIP-HOP. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

Recebido em 10 de setembro de 2021

Aprovado em 20 de outubro de 2021